

Formação de Agentes Culturais Juvenis: Uma Experiência Sócio-Educativa

Área Temática de Educação

Resumo

Com este artigo pretendemos abordar uma primeira reflexão a respeito do projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, desenvolvido pelo programa Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais, entre o início de 2002 e o final de 2003. Neste projeto foi trabalhado um amplo processo de formação com 35 jovens de periferia que, de alguma forma, estavam ligados a diversas linguagens culturais. O projeto tinha como objetivo potencializar as ações que estes jovens já desenvolviam, além de instrumentalizá-los e capacitá-los para desenvolver ações culturais, através de cursos de leitura, elaboração de projetos culturais, oficinas de informática, entre outros. Na primeira parte deste artigo fizemos uma breve descrição do projeto, bem como do público que o integrou. Logo depois, abordamos todo o desenvolvimento do projeto, suas principais ações e a metodologia de trabalho. Em seguida traçamos um perfil sociológico dos jovens, levantado a partir da pesquisa Juventude, Práticas Culturais e Identidades Negras. O quarto bloco do artigo está voltado para uma reflexão sobre os significados das experiências culturais para os jovens de periferia, inserindo aí a importância para os jovens integrantes do projeto. Finalmente, na conclusão, apontamos os principais impactos do projeto nas vidas destes jovens.

Autores

Juarez Tarcísio Dayrell – coordenador do programa Observatório da Juventude e professor da Faculdade de Educação

Áurea Carolina de Freitas e Silva - Graduanda em Ciências Sociais

Rosana Machado de Souza - Licenciada em Artes Cênicas

Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Palavras-chave: juventude; cultura; educação.

Introdução e objetivo

Este texto tem o propósito de desenvolver uma primeira análise a respeito do projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, que consistiu em um processo formativo de 35 jovens moradores de bairros da periferia de Belo Horizonte e de três cidades da Região Metropolitana, com idades entre 15 e 31 anos, ligados a grupos culturais de diferentes linguagens artísticas. O projeto foi coordenado pelo programa Observatório da Juventude da UFMG, que se orienta na perspectiva de uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventude, com foco específico voltado para a condição juvenil, políticas públicas e ações sociais direcionadas a este segmento da população, práticas culturais e ações coletivas da juventude na cidade e a construção de metodologias de trabalho com os jovens.

Com o presente trabalho pretende-se levantar minimamente algumas reflexões sobre o perfil sociológico dos jovens envolvidos no projeto de formação, suas experiências culturais, os significados que atribuem às linguagens artísticas que desenvolvem e os principais impactos deste projeto em suas vidas.

Metodologia

Ao longo dos dois anos de execução do projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, com início em 2002, os jovens passaram por experiências pedagógicas que tinham o objetivo de fornecer subsídios teóricos e práticos para potencializar as ações culturais que eles próprios já desenvolviam, e, ao mesmo tempo, o objetivo de estimulá-los a assumir o papel de agentes culturais, contribuindo para criar e/ou ampliar os espaços de encontro e de formação na região onde atuam.

O projeto desenvolveu atividades de segunda a quinta-feira, no Centro Cultural da UFMG, e envolveu professores e alunos da graduação e licenciatura da Faculdade de Educação, Artes Cênicas, Belas Artes, Letras e Ciências Sociais. As atividades obrigatórias funcionavam durante as noites, como o curso de elaboração de projetos culturais, curso de leitura e redação de textos e oficina de expressão corporal. Além destas, eram oferecidas no período da tarde atividades opcionais como curso de inglês e de capoeira.

Além das atividades ofertadas pelo projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, destacam-se os eventos produzidos pelo próprio grupo, como, por exemplo, o Redeatividade, que consistiu em um bloco de 5 oficinas oferecidas para 100 jovens dos bairros de origem dos agentes culturais, durante 2 meses. O grupo demonstrou empenho e total envolvimento nas diversas etapas de produção e divulgação dos eventos, também merecendo destaque o protagonismo dos jovens em atividades culturais e educativas nos seus próprios bairros, o que proporcionou que se aperfeiçoassem como agentes culturais.

Vale ressaltar que se conseguiu, através de uma parceria com o Colégio Loyola, que cada jovem recebesse uma bolsa mensal no valor de R\$ 180,00. Pretendia-se, com esta medida, possibilitar um maior envolvimento do grupo com o projeto, garantindo uma ampliação do processo de formação em outras áreas. Outra parceria do projeto foi o Centro Cultural da UFMG, que disponibilizou infra-estrutura adequada para as atividades de formação, como equipamentos audiovisuais, computadores e salas. Tornou-se também uma referência especial para os jovens, uma vez que eles compartilhavam o espaço com outros projetos e atividades culturais, o que enriqueceu o processo formativo e contribuiu para o envolvimento dos jovens com outras linguagens e universos de convívio e aprendizagem.

Ao final deste processo formativo, em outubro de 2003, os agentes culturais e a ONG Contato, de Belo Horizonte, promoveram o I Seminário de Políticas Públicas da Juventude. Para a realização deste evento os jovens participaram e se envolveram em todas as etapas, como a construção da proposta e a realização de dois pré-seminários, nos quais foram definidos e discutidos os eixos do seminário: educação, saúde e qualidade de vida, cultura e diversidade, violência e passe livre. Nesta etapa de preparação os alunos de licenciatura da Prática de Ensino de Ciências Sociais da UFMG promoveram uma série de discussões sobre Estado e Políticas Públicas, aprofundando a reflexão sobre o tema. Nos dois dias do seminário os agentes e os jovens da Contato assumiram a coordenação, garantindo a participação de cerca de 400 jovens da região metropolitana de Belo Horizonte, além de João Monlevade, Divinópolis e Serra do Cipó, discutindo as demandas e necessidades da juventude, concretizada em uma carta aberta a ser entregue às autoridades locais. O seminário significou um avanço ao possibilitar que os próprios jovens formulassem suas demandas e necessidades para o poder público, num exercício concreto de cidadania.

Ao mesmo tempo, os agentes culturais tiveram oportunidade de encontrar outros jovens, integrantes de projetos sócio-culturais de vários Estados brasileiros, como parte das atividades de formação, sobretudo no ano de 2003. O Observatório da Juventude da UFMG vem se articulando com outras entidades que atuam com a juventude, principalmente com a ONG paulista Ação Educativa, o Observatório Jovem da UFF, de Niterói, e o projeto Redes e Juventudes, que envolve 25 projetos em vários Estados do Nordeste. Além da troca de experiências, está sendo discutida a criação de uma rede nacional de grupos, entidades e

movimentos juvenis, articulada de forma autônoma pelos próprios jovens. Neste sentido, as quatro entidades promoveram uma oficina no III Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e incentivaram a participação dos jovens na I Semana Nacional da Juventude, promovida pela Comissão Especial dos Direitos da Juventude do Congresso Nacional, de 23 a 25 de setembro de 2003 em Brasília. Neste evento, estiveram presentes todos os agentes culturais. Os jovens organizaram uma oficina no I Fórum Social Brasileiro com o objetivo de discutir a criação da rede. A oficina Tecendo Teias, preparada e coordenada pelos jovens ligados a estas entidades, contou com a presença de 80 jovens de vários Estados brasileiros e decidiu pela construção gradativa de uma rede nacional, que deverá ser formalmente criada em um encontro nacional previsto para julho de 2004 no Ceará.

Toda esta experiência foi registrada e o material coletado está sendo objeto de análise na perspectiva de sistematizar uma metodologia de trabalho com jovens na área cultural, com previsão de publicação ainda em 2004. Mas ela já vem sendo socializada em palestras, seminários e oficinas. Em 2003 os jovens ministraram oficinas e palestras para professores e alunos de 11 escolas municipais, além de participarem em seminários na Faculdade de Educação da UFMG, na PUC-Minas e na Escola Guignard-UEMG, entre outros.

Como resultado do projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, os jovens constituíram uma rede de agentes culturais, intitulada D.vEr-CidaDe CuLturaL, e vêm atuando de forma autônoma na articulação e no desenvolvimento de ações culturais, inclusive com a juventude nos seus bairros de origem e outros bairros da periferia de Belo Horizonte. O programa Observatório da Juventude passou, então, a assessorar o grupo D.vEr-CidaDe CuLturaL, oferecendo orientações técnico-pedagógicas ao grupo, na perspectiva de gestão, coordenação e construção da autonomia e consolidação da rede. Já nesta nova fase, o D.vEr-CidaDe CuLturaL promoveu, em maio de 2004, o Encontro Estadual de Redes de Juventudes, que consistiu em um dia de debates, discussões em grupos temáticos e atividades culturais com a participação de diversas organizações e grupos juvenis de aproximadamente dez cidades do interior de Minas Gerais e da Região Metropolitana de Belo Horizonte. O objetivo do encontro foi o de fazer avançar e fortalecer a construção de uma rede de juventudes no Estado.

Perfil sociológico dos jovens

Atualmente está em andamento a pesquisa Juventude, Práticas Culturais e Identidades Negras, que é coordenada pelos professores Juarez Tarcísio Dayrell e Nilma Lino Gomes e conta com o apoio do CNPq e da FAPEMIG. A pesquisa teve início em 2003 e abrange os 16 grupos culturais integrantes do projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, enfocando uma abordagem etnográfica, em que a observação participante, o trabalho de campo, a realização de entrevistas e as anotações no diário de campo constituíram os procedimentos metodológicos privilegiados. Cada grupo foi acompanhado com observações cotidianas nos ensaios, festas, shows e outras atividades coletivas. Foram realizadas também entrevistas coletivas com, pelo menos, três integrantes de cada grupo.

Nesse processo, foram aplicados questionários a todos os integrantes dos grupos, o que possibilitou uma caracterização geral dos grupos culturais que compõem o universo da pesquisa. O conjunto dos 16 grupos culturais (três grupos de rap, dois de dança afro e percussão, um de funk, um de rock, um de percussão, um de capoeira, um de congado, um de grafite, um de rádio comunitária, um de comunicação alternativa e os três últimos são organizações juvenis nos bairros, sem uma linguagem cultural específica) totaliza 156 integrantes, distribuídos de forma desigual em função da própria linguagem cultural a que se filiam. Grupos de percussão e dança afro envolvem mais pessoas, como o grupo Meninos do Morro, que possui 49 integrantes; grupos musicais como rap ou rock já envolvem menos, como Negros da Unidade Consciente (NUC), um grupo de rap, ou Pêlos de Cachorro, um grupo de rock, ambos com quatro elementos. A idade também varia de acordo com a

linguagem cultural. Se o grupo é homogêneo, ou seja, de um estilo essencialmente juvenil, como no caso dos três grupos de rap, a idade varia entre 16 e 29 anos. Mas se o grupo é heterogêneo, ou seja, aqueles que incluem jovens, mas não têm uma linguagem específica da cultura juvenil, como os dois grupos de dança afro, o de capoeira ou o de congado, a faixa etária é mais ampliada, variando entre 10 e 40 anos. Mesmo assim, podemos afirmar que os integrantes (69,3%), em sua maioria, situam-se entre 15 e 30 anos (para efeitos deste trabalho, foi considerada a faixa etária entre 15 e 30 anos como referente à juventude, um pouco acima da faixa tradicionalmente utilizada nos estudos demográficos para caracterizar a juventude, que se limita aos 24 anos. Apesar da presença de outras faixas etárias nos grupos culturais pesquisados, o recorte de análise é a juventude).

Essa mesma clivagem vai aparecer na questão do gênero. Os grupos de estilo juvenil (homogêneos) tendem a ser majoritariamente masculinos, como os de rap, funk, rock, grafite. Já os grupos heterogêneos apresentam uma composição de gênero misturada, quando não são majoritariamente femininos, como o grupo Meninos do Morro, formado, na sua maioria, por mulheres. No cômputo geral, a predominância é masculina (56,4%), reforçando evidências, tanto no Brasil quanto na Europa, de que as culturas juvenis tendem a ser masculinas.

Quanto à identidade racial, 107 (72,4%) dos integrantes dos grupos declararam-se negros. A essa constatação se alia o fato de que grande parte das expressões culturais dos grupos pesquisados tem matriz cultural africana, como é o caso do congado, da dança afro, da percussão, do rap ou mesmo do rock, dentre outros. Essas evidências se tornam mais significativos porque não foram pré-requisitos na seleção dos grupos para a participação no projeto, o que sugere que parte da cultura juvenil presente nas periferias de Belo Horizonte possui essa matriz, ressignificada e recriada no Brasil.

Fazendo uma análise da relação entre as práticas culturais desses mesmos grupos e a construção de identidades negras, Gomes (2004) afirma que os cantos, as vestimentas, os adereços, o ritmo, o som, o tipo de dança, os instrumentos musicais utilizados revelam a presença da cultura negra, mesmo que os seus integrantes não tenham profundo conhecimento sobre isso. Para a autora, a possibilidade de participar de um grupo cultural que expressa a presença da africanidade por meio das expressões culturais “interfere de maneira positiva na afirmação da identidade negra dos/as jovens, passando a se ver mais como negros/as e a se orgulhar da cultura de seus antepassados” (p.9).

Para complementar o perfil dos integrantes dos grupos pesquisados, pode-se aliar à condição de jovens e negros a sua realidade de pobreza, evidenciando uma condição tríplice que interfere diretamente na trajetória de vida e nos significados atribuídos à participação nos grupos culturais. A renda familiar da maioria (55,8%) dos pesquisados está na faixa entre 0 e 2 salários mínimos, enquanto 27,6% das famílias sobrevivem com uma renda entre 3 e 4 salários mínimos. Esses índices são reforçados quando se analisa a realidade do trabalho entre os integrantes dos grupos culturais: 58% deles não exerciam nenhuma atividade remunerada no período da pesquisa.

Quanto à escola, 68,6% dos integrantes dos grupos estavam estudando no período da pesquisa. Daqueles que pararam de estudar, 55,5% o fizeram antes de completar o ensino fundamental. Comparando esses índices com as taxas nacionais, pode-se constatar um quadro de desigualdade no acesso, mas principalmente na permanência escolar, quando apenas 24,8% têm o equivalente ao ensino fundamental ou mais. Os depoimentos dos jovens deixam claro que, para a maioria, a escola se realiza como uma provação, uma “chatice necessária” para um credenciamento que tem um peso relativo no mercado de trabalho. As experiências escolares narradas vêm reforçar o que já foi constatado em pesquisa anterior: “A instituição escolar é pouco eficaz no seu aparelhamento para enfrentar as condições adversas de vida com as quais os jovens vieram se defrontando, não constituindo referência de valores no seu processo de construção como sujeitos” (DAYRELL, 2002, p.120).

A situação desses jovens se vê agravada pelo encolhimento do Estado na esfera pública, uma vez que não oferece soluções por meios de políticas que contemplem a juventude, gerando privatização e despolitização das condições de vida. Além da falta de políticas nas áreas básicas de emprego ou saúde, defrontam-se com a falta de acesso aos bens culturais. Todos afirmam, por exemplo, não freqüentar cinema com a regularidade com que gostariam de fazê-lo, e grande parte nunca freqüentou um teatro. Muitos deles vieram a freqüentar cinema e teatro pela primeira vez quando começaram a participar do projeto de extensão. Todos afirmam que gostariam de fazer algum curso de capacitação ligado à sua linguagem cultural, mas apenas 37% já fizeram pelo menos um, e o restante não o fez, alegando falta de recursos financeiros.

Esses jovens também vivenciam formas frágeis e insuficientes de inclusão num contexto de uma nova desigualdade social: aquela que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social para a maioria da população. Vivemos, no Brasil, uma situação paradoxal, na qual a modernização cultural que vem ocorrendo nas últimas décadas não veio acompanhada de uma modernização social. Dessa forma, se há ampliação do mercado de bens materiais e simbólicos, há restrição ao seu acesso, sendo uma das faces perversas da nova desigualdade. Esses jovens se vêem, assim, privados do emprego, acompanhados da limitação de meios para a participação efetiva no mercado de consumo, da limitação das formas de lazer, muitos deles fora da escola, sem acesso a uma capacitação cultural, enfim, limitados dos direitos de vivenciar a própria juventude. É nesse contexto que os grupos culturais devem ser situados e como devem ser compreendidas as formas de sociabilidade criadas.

Resultados e discussão

A relação entre os jovens e o universo cultural tem significativa importância para a vivência desses sujeitos, o que foi claramente evidenciado no projeto de formação. As linguagens artísticas, de formas diferenciadas, possibilitam práticas, relações e símbolos aos jovens, por meio dos quais eles criam espaços próprios, com uma autonomia relativa do mundo adulto, expressão de uma cultura juvenil que fornece elementos para se afirmarem com uma identidade própria, como jovens. Por meio da produção cultural eles recriam as possibilidades de entrada no mundo cultural além da figura do espectador passivo, colocando-se como criadores ativos. Para os jovens integrantes do projeto, destituídos por experiências sociais que lhes impõem uma identidade subalterna, essas atividades culturais são um dos poucos espaços de construção de uma auto-estima, possibilitando-lhes construir identidades positivas. Por intermédio da arte que desenvolvem, dos shows que fazem, dos eventos culturais que promovem, eles colocam em pauta no cenário social o lugar do pobre. Eles querem ser reconhecidos, querem visibilidade, ser "alguém" num contexto que os torna "invisíveis". Eles querem ter um lugar na cidade, usufruir dela, transformando o espaço urbano em um valor de uso. Enfim, eles reivindicam o direito de serem jovens e cidadãos, com direito de viverem plenamente a juventude.

É importante destacar que a inserção cultural proporciona a ampliação das sociabilidades. Os jovens se articulam em torno de redes que agregam práticas culturais semelhantes. A existência dessas redes configura a formação de alianças, de laços de solidariedade, de espaços de lazer e de sociabilidade e possibilita trocas de experiências entre jovens. Sob este prisma, a sociabilidade para esses jovens parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade. Nesse sentido, pode-se entender os grupos culturais como produtores de sociabilidades. Por intermédio dos grupos culturais, os jovens passam de simples fruidores para produtores culturais nas linguagens culturais às quais aderem, colocando-se na cena pública em outro patamar e recolocando a cidadania em outros moldes.

A experiência cotidiana no grupo, a aprendizagem coletiva de relacionar-se, de lidar com a diferença contribui para maior sensibilidade no lidar com o outro, com o social.

Por outro lado, a cena cultural existente, em sua grande maioria, se mostra frágil, com uma produção cultural marcada pela precariedade e pelo amadorismo. É interessante perceber que, se o mundo da cultura se mostra um espaço mais democrático para esses jovens construírem um estilo próprio, o mesmo não acontece quando eles passam a pretender disputar um nicho próprio e sobreviver das atividades culturais. As barreiras são muitas, entre elas o acesso restrito aos bens materiais e simbólicos e a falta de espaços que possibilitem um conhecimento mais amplo e profissionalizado do funcionamento do mercado cultural. Para grande parte deles, a escola foi e é uma instituição distante dos seus interesses e necessidades, se mostrando pouco eficaz. Ao mesmo tempo não existem em Belo Horizonte instituições públicas na área cultural que possibilitem o acesso aos conhecimentos específicos da área. Por outro lado, os jovens se vêem obrigados a se dividirem entre o tempo do trabalho e o tempo das atividades culturais, dificultando o investimento no próprio aprimoramento cultural. Vivem um dilema: estão motivados com a produção cultural, sonham em poder dedicar-se integralmente a estas atividades, mas no cotidiano precisam investir boa parte do seu tempo em empregos ou bicos que garantam a sua sobrevivência, e mesmo assim quando os tem. São situações que levam a que muitos deles desistam e abandonem o sonho de sobreviver das atividades artísticas. Assim, se esses jovens conseguem manter uma cena cultural viva e de alguma forma atuante, o fazem da forma que podem, de acordo com os recursos materiais e simbólicos a que tem acesso.

Nesse sentido, a fragilidade da cena cultural na periferia expõe a fragilidade das redes sociais com as quais estes jovens podem contar no processo de sua construção como jovens. Estão sozinhos: não contam com as instituições do mundo adulto, seja a escola ou o mundo do trabalho, nem contam com políticas públicas, principalmente na área cultural, para que possam instrumentalizar-se para lidar de forma autônoma com as regras e as exigências de um mercado cultural que se apresenta com a mesma lógica dominante na sociedade.

Conclusões

São evidentes as mudanças nos jovens que participaram do projeto de formação. No encontro de avaliação final do projeto, realizado em janeiro de 2004, os próprios jovens apontaram como percebiam os impactos do projeto em suas vidas. O principal aspecto de tais mudanças passa pelo fortalecimento da auto-estima de cada jovem, através de seu reconhecimento como sujeito sócio-cultural e da construção positiva e/ou afirmação de múltiplas identidades – juvenil, negra, periférica, etc.

Ao longo de todo este processo de formação, trocas e convívio, as potencialidades pessoais foram estimuladas e trabalhadas, o corpo e a estética passaram a merecer maior cuidado e atenção, o universo sócio-cultural foi ampliado e boa parte dos jovens desenvolveram grande capacidade de articulação e maior desenvoltura para tratar de questões ligadas à juventude. Outro aspecto relevante foi como a necessidade de lidar com a diversidade e de construir ações coletivas proporcionou um rico aprendizado tanto para os jovens quanto para a equipe do projeto, além de ter possibilitado constantes intercâmbios de experiências e linguagens culturais entre todo o grupo.

Com o término do projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, os jovens constituíram o grupo D-vEr.CidaDe CuLturaL, que prossegue de forma autônoma, contando com a assessoria do Observatório, como já foi sinalizado neste texto. O grupo tem buscado novas fontes de financiamento, através de projetos próprios para captação de recursos, além de continuar contando com o apoio financeiro de algumas parcerias que estiveram presentes no projeto de formação. Atualmente a sede do D-vEr.CidaDe CuLturaL funciona em uma sala cedida pelo Centro Cultural da UFMG, que também disponibiliza o seu espaço para

atividades promovidas pelos agentes culturais, como o Encontro Estadual de Redes de Juventudes. Esta parceria com o Centro Cultural da UFMG tem sido fundamental para viabilizar este momento de autonomia do grupo, fornecendo o apoio necessário para concretizar as suas propostas. Neste sentido, o Centro Cultural exerce de fato a cidadania cultural presente nos seus objetivos.

A formação é um processo contínuo na vida do ser humano, por isso é preciso reconhecer que ainda há muito a ser feito e a formação dos jovens que integraram o projeto não está terminada. No entanto, é possível afirmar que a entrada para o projeto propiciou significativos avanços, abriu espaços e revigorou as expectativas dos jovens em relação à vida, ao mundo juvenil e às possibilidades de organização social e política da juventude. Estas mudanças não acontecem da mesma forma para todos. Cada um, à sua maneira, com níveis e possibilidades diferenciados de participação e atuação, responde e reage de uma maneira particular aos desafios e atividades propostos pelo projeto.

Referências bibliográficas

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade São Paulo, São Paulo. 2001.

_____. Juventude e produção cultural na periferia de Belo Horizonte. 2004a. Mimeo.

_____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. 2004b. Mimeo.

GOMES, Nilma Lino. Ações afirmativas: dois projetos voltados para a juventude negra. In: GONÇALVES e SILVA, Petronilha B.; SILVERIO, Valter Roberto. Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília, INEP. 2003.